

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Aline de Cássia Silva Souza

**GT Mulheres da Cultura: pedagogia feminista em São José dos
Campos**

São Paulo

2023

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

GT Mulheres da Cultura: pedagogia feminista em São José dos Campos

Aline de Cássia Silva Souza

Orientadora: Profa. Andrea Rosendo

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

São Paulo

2023

GT MULHERES DA CULTURA: PEDAGOGIA FEMINISTA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS ¹

Aline de Cássia Silva Souza²

Resumo: O presente artigo pretende buscar evidências da prática de pedagogia feminista no setor cultural de São José dos Campos. A partir da divulgação de uma carta de denúncia de violências perpetradas por homens do setor cultural em 2020, o Grupo de Trabalho Mulheres da Cultura (GTMC) promoveu diálogos com a comunidade cultural em torno do tema da violência de gênero. A metodologia utilizada será a análise de conteúdo, com base nos conceitos de: pedagogia feminista da educadora bell hooks e aprendizado em movimentos populares de Maria da Glória Gohn.

Palavras-chave: Patriarcado. Pedagogia feminista. Violência de gênero. Ativismo de denúncia. Movimento social.

Women of Culture working group: feminist pedagogy in São José dos Campos

Abstract: This article intends to seek evidence of the practice of feminist pedagogy in the cultural sector of São José dos Campos. Based on the publication of a letter denouncing violence perpetrated by men in the cultural sector in 2020, the Women of Culture Working Group (WCWC) promoted dialogues with the cultural community around the topic of gender violence. The methodology used will be content analysis, based on the concepts of: feminist pedagogy by educator bell hooks and learning in popular movements by Maria da Glória Gohn.

Key words: Patriarchy. Feminist pedagogy. Gender violence. Denounce activism. Social movement.

GT Mujeres de la Cultura: pedagogía feminista en São José dos Campos

Resumen: Este artículo pretende buscar evidencias de la práctica de la pedagogía feminista en el sector cultural de São José dos Campos. A partir de la publicación de una carta de denuncia de la violencia ejercida por hombres en el sector cultural en 2020, el Grupo de Trabajo Mujeres de la Cultura (GTMC) impulsó diálogos con la comunidad cultural en torno al tema de la violencia de género. La metodología

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Bacharela em Administração pela ETEP Faculdade de Tecnologia de São José dos Campos/SP.

utilizada será el análisis de contenido, a partir de los conceptos de: pedagogía feminista de la educadora bell hooks y aprendizaje en los movimientos populares de Maria da Glória Gohn.

Palabras clave: Patriarcado. Pedagogía feminista. violencia de género. Denuncia el activismo. Movimiento social.

Introdução

A violência contra a mulher é uma alarmante realidade no mundo todo. De acordo com o relatório de estatísticas sobre saúde da Organização das Nações Unidas (ONU)³ de 2022: mundialmente, 1 em cada 4 mulheres com 15 anos ou mais já foram submetidas a violência física e/ou sexual por um parceiro íntimo do sexo masculino pelo menos uma vez em sua vida (World Health Organization, 2022). Segundo pesquisa⁴ conduzida pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Datafolha, 33,4% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais experimentou violência física ou sexual provocada por parceiro íntimo ao longo da vida. 24,5% afirmaram ter sofrido agressões físicas como tapa, batida e chute, e 21,1% foram forçadas a manter relações sexuais contra sua vontade (Bueno; Lagreca; Sobral, 2023). Quando se trata de feminicídio, os números têm aumentado e são alarmantes, segundo Bueno; Lagreca; Sobral (2022), em relatório⁵ do Fórum Brasileiro de Política Pública, no primeiro semestre de 2022, 699 mulheres foram vítimas de feminicídio, média de 4 mulheres por dia. Este número é 3,2% mais elevado que o total de mortes registrado no primeiro semestre de 2021, quando 677 mulheres foram assassinadas.

No campo cultural a realidade se repete, movimentos que ganham destaque na mídia evidenciam que, nem mesmo mulheres bem-sucedidas profissional e financeiramente escapam de situações de abuso. Internacionalmente, pode-se citar o movimento *Me too* que, após diversas atrizes famosas do cinema hollywoodiano denunciarem o produtor Harvey Weinstein por abuso sexual, ganhou destaque internacional. No Brasil, recentemente veio à tona o caso do humorista e chefe do núcleo de humor da TV Globo, Marcius Melhem. Segundo matéria da CNN⁶, o ator e diretor em questão foi acusado por diversos funcionários (homens e mulheres) de praticar assédio sexual contra várias profissionais, utilizando-se de sua posição hierárquica para tal. Em 2021 vieram à tona denúncias de abusos sexuais cometidos por mestres dos maiores grupos de capoeira do Brasil. Segundo matéria da Carta Capital (2021), os abusos foram cometidos contra crianças e adolescentes, em alguns casos por longos anos. No campo da militância por políticas culturais do estado de São Paulo, pode-se comentar uma carta⁷ de repúdio elaboradas por mulheres de um grupo formado por artistas, produtores e gestores culturais de mais de 80 municípios - do litoral, interior e grande São Paulo – do Estado de São

³ World health statistics 2022. Monitoring health for the SDGs, sustainable development goals.

⁴ Fórum Brasileiro de Política Pública. Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 4ª edição – 2023

⁵ Fórum Brasileiro de Política Pública. Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022

⁶ www.cnnbrasil.com.br/nacional/reportagem-revela-denuncias-de-assedio-sexual-contra-marcius-melhem/

⁷ Carta divulgada em grupo do WhatsApp do FLIGSP, onde apenas participantes do grupo se comunicam.

Paulo⁸, relatando posturas sexistas, como importunação sexual e ataque verbal seguido de ameaça à vida de uma participante em público - durante encontro realizado na cidade de Piracicaba em Maio de 2021.

Se a violência masculina contra a mulher está presente em todos os ambientes, inclusive no meio cultural (como constatado nos inúmeros casos relatados acima), quais estratégias podem ser utilizadas para trazer à tona a luta contra o sexismo, juntamente das outras lutas tão importantes quanto a das políticas públicas para a cultura? Existe espaço para conscientização e aprendizado feminista dentro de grupos e organizações políticas de gênero misto?

Tomando como guia as ideias da educadora e escritora bell hooks sobre pedagogia feminista e as considerações de Maria Glória Marcondes Gohn sobre aprendizado nos movimentos populares, será analisado nesse trabalho o impacto da divulgação de uma denúncia de violência cometida por homens do meio teatral. Esta denúncia veio à público através do Grupo de Trabalho Mulheres da Cultura (GTMC), coletiva criada em 2020, durante a pandemia de COVID-19⁹. O grupo iniciou sua participação na comunidade com essa denúncia de violência, mas expandiu seu campo de atuação para ações de *artivismo*, estudo, compartilhamento de informação, rede de apoio às mulheres artistas etc.

O presente trabalho pretende analisar se os atos de divulgar e debater a denúncia de violências perpetradas por homens do setor cultural podem ser considerados como evidências de uma prática de pedagogia feminista.

1. Pedagogia feminista em movimentos sociais

1.1. Denúncia de violências praticadas por homens no meio cultural de São José dos Campos e criação do GTMC

No início do ano de 2020, o mundo se via em meio à pandemia de COVID-19 e, o Brasil tinha como o maior representante do poder executivo, o presidente de Jair Bolsonaro (PL). Um

⁸ O referido grupo, formado por mais de 150 participantes de cidades do litoral, interior e grande São Paulo se reúne periodicamente para debater políticas públicas, no intuito de oferecer alternativas que garantam a continuidade e a permanência do artista cênico em sua região cultural, fora da capital do estado.

⁹ A COVID-19 foi uma pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que vitimou aproximadamente 14,9 milhões de pessoas em todo o mundo, entre janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 05 de maio de 2023, o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19.

governo que recebeu e ainda recebe críticas em diversos campos, inclusive no que diz respeito às mulheres. Nas palavras de Claudia Luna, presidente da Comissão da Mulher e Advogada da OAB de São Paulo em matéria do El País (Rossi, 2020): “Hoje, o Estado brasileiro é um Estado que odeia as mulheres. É um Estado misógino. É um Estado que reduz as políticas públicas para as mulheres”. Nesse cenário de graves problemas sociais, principalmente para as mulheres, trabalhadoras da cultura criaram um grupo no aplicativo WhatsApp, com o intuito de abrir um espaço seguro para compartilhamento de denúncias de diversos tipos de violências cometidas por homens atuantes no campo cultural. A denominação criada foi a de Grupo de Trabalho Mulheres da Cultura (GTMC).

A primeira ação externa do grupo foi a elaboração de uma carta – que consta em anexo ao artigo - relatando denúncias de assédio, violência física e psicológica recebidas pelas integrantes do grupo. No dia 20 de maio de 2020 esta carta foi enviada para a Fundação Cultural Cassiano Ricardo¹⁰ e tinha por objetivo levar ao conhecimento da instituição as violências cometidas, solicitando assim que medidas de prevenção e proteção às mulheres fossem desenvolvidas. Em um segundo momento, a carta foi compartilhada com a comunidade cultural, no intuito de alertar e proteger outras pessoas de possíveis abusos e violências. O meio escolhido para tal compartilhamento foi o grupo de WhatsApp do Fórum de Cultura SJC. Esse grupo, criado em 2019 para facilitar a comunicação entre pessoas que se mobilizam politicamente em prol de melhorias na gestão das políticas públicas de cultura da cidade. Atualmente, o grupo conta com aproximadamente 120 pessoas.

1.2. Violência de gênero e sistema patriarcal

A pesquisadora Silvia Federici nos alerta para o fato de que o patriarcado – nome dado a um sistema político e social que garante poder aos homens em relação às mulheres, no âmbito das relações pessoais e de forma estrutural – teve sua origem ligada ao estabelecimento do capitalismo. Entre os séculos XV e XVIII, na transição entre o feudalismo e o capitalismo, muitas mulheres, anteriormente trabalhadoras do campo, detentoras de conhecimentos e recursos foram perseguidas, tiveram seus direitos reprodutivos cerceados e foram submetidas a limitantes normas de comportamento em sociedade. Essa repressão às mulheres, conhecida como “caça às bruxas” contribuiu para a desvalorização do trabalho reprodutivo e de cuidado

¹⁰ Instituição responsável pela gestão das políticas públicas de cultura de São José dos Campos, com orçamento anual em torno de 28 milhões de reais.

realizado pelas mulheres, criação de uma força de trabalho disciplinada, gerando assim uma nova configuração das relações sociais (Federici, 2019).

Os processos de colonização, exploração e escravidão afetaram e ainda afetam as mulheres de formas muito diferentes. A educadora e ativista, bell hooks alega ter encontrado, ainda no início de sua trajetória, o feminismo como uma ferramenta para a busca da justiça social. Sendo uma mulher negra nascida no sul dos Estados Unidos nos anos 1950, em uma família da classe trabalhadora, hooks vivenciou o contexto das opressões de classe, da segregação racial e, posteriormente as dificuldades da política de dessegregação. Essa vivência garantiu à pesquisadora uma visão muito clara da relação de interdependência entre o capitalismo, o racismo e o sexismo, o que fez com que a autora se refira ao longo de toda a sua obra ao *sistema capitalista patriarcal de supremacia branca*, reforçando a ideia de que de nada adianta um feminismo que busque apenas a “igualdade entre os gêneros” e que não se incomode com o fato de que, mulheres brancas, ao alcançar a igualdade salarial por exemplo, reproduzam o contexto de opressão, colocando mulheres negras e pobres para realizar as atividades da casa, com remuneração inferior a sua.

“Feministas são formadas, não nascem feministas” com essa frase bell hooks abre o segundo capítulo do livro “O feminismo é para todo mundo”. No início do movimento feminista contemporâneo, antes mesmo da disciplina denominada “estudos de mulheres” ser inserida no currículo das universidades americanas, mulheres se reuniam em grupos para elaborarem suas experiências de vitimização, exploração e opressão. Os chamados “grupos de conscientização (GC)” tinham enorme importância para a confrontação coletiva da lógica sexista (presente não apenas nos homens, mas também nas mulheres). Através de uma dinâmica de escuta, as participantes compartilhavam suas vivências, liberavam sua ira e hostilidade, praticando uma espécie de terapia coletiva e criando assim um espaço de apoio mútuo. Espaço esse muitas vezes repleto de ruídos, gerados pela diferença de condições de vida das mulheres e suas prioridades de luta.

“Visões utópicas de sororidade baseadas apenas na consciência da realidade de que mulheres eram de alguma maneira vitimizadas pela dominação masculina foram quebradas por discussões de classe e raça” (hooks, 2021, p.19).

Em seu livro “Ensinando a transgredir”, bell hooks comenta sobre sua visão da educação como prática de liberdade, profundamente inspirada no educador brasileiro Paulo Freire (hooks, 2017). O objetivo de bell hooks enquanto professora era transformar as salas de aula em

comunidades de aprendizado e, para isso provocava os estudantes para que participassem de forma ativa do processo de aprendizagem e se interessava pelo impacto de suas aulas na vida dos alunos. Fazia o possível para que todas as pessoas falassem em suas aulas, para que todos ouvissem a todos e se disponibilizava para lidar com todos os desconfortos e conflitos resultantes dessa nova forma de ensinar. Enquanto os colegas preferiam a segurança da tradicional forma de educar da disciplina, hooks provocava situações em que as diversidades e divergências vinham à tona. “Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora” (hooks, 2019).

“A formação de uma teoria e de uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva e deve ser partilhada” (hooks, 2019). Transcendendo o ambiente da educação formal, ao longo de sua obra, bell hooks evidencia o desejo de criar um movimento feminista de massa, que não se limite apenas às mulheres, ou a grupos específicos da sociedade como a academia e que extrapole o contexto das teorias e reflexões, buscando a materialidade das ações na sociedade.

Em sua proposta de pedagogia feminista, bell hooks caminha o tempo todo entre teoria e práxis, pensamento acadêmico e vida cotidiana. Sem desmerecer nenhum âmbito da construção anti-sexista, bell hooks declara a importância de um conhecimento que venha da realidade das mulheres e de uma prática que seja uma extensão dessa realidade. Sem hierarquias ou protagonismos. O objetivo da pedagogia feminista é desconstruir o sistema capitalista patriarcal de supremacia branca. É uma pedagogia para a libertação das mulheres e de todos que sofrem pelas imposições violentas desse sistema.

Ainda sobre os diversos feminismos praticados, cabe aqui um comentário sobre o trabalho de Sara Ahmed, que em seu livro *Complaint!*, (ainda não traduzido para o português) relata casos de denúncia de diversos tipos de abusos e violências no contexto das universidades e aponta que, geralmente a denunciante é vista como uma pessoa “estraga-prazeres”, que não quer buscar a própria felicidade e ainda atrapalha a dos outros.

Ahmed também comenta sobre os diversos prejuízos que a pessoa denunciante assume ao denunciar: questões de saúde física, mental e até de carreira. Ao mesmo tempo, Sara reforça a importância da denúncia para outras pessoas que ainda não denunciaram e para as que possam vir depois. “Una pequeña abertura puede dar lugar a una montaña de quejas. Tenemos que crear esas pequeñas aberturas” (Ahmed apud Valdés, 2022).

Existe um viés pedagógico na leitura de Ahmed, que reconhece que a reverberação das denúncias gera mudanças, mesmo que ainda insatisfatórias. Ahmed critica as falhas nos procedimentos institucionais de processamento das denúncias (crítica que, segundo a pesquisadora não se limita às universidades), e a insuficiência de tais procedimentos que focam o ocorrido em si e não a origem dos problemas que, segundo a pesquisadora está enraizado na cultura institucional. Comenta também que a mudança não pode ser feita apenas em um âmbito, mas depende do engajamento de todos os níveis de das organizações.

1.3. Mulheres, movimentos sociais e aprendizado

Uma das formas de organização e expressão das mulheres ao longo do tempo tem sido os movimentos sociais, sejam eles de demandas específicas das mulheres ou de demandas mais amplas – como direito à terra, ao trabalho, à saúde. Para a historiadora Maria da Glória Gohn: movimento social refere-se à ação dos homens na história. Essa ação envolve um fazer – por meio de um conjunto de práticas sociais – e um pensar – por meio de um conjunto de ideias que motiva ou dá fundamento à ação. Trata-se de uma práxis, portanto (Gohn, 2000).

As mulheres foram e continuam sendo participantes e líderes desses movimentos, como forma de garantirem melhores condições de vida.

“O maior contingente de participação foi nos movimentos populares, como demandatárias de reivindicações populares por melhorias, serviços e equipamentos coletivos, e não como demandatárias de direitos de igualdade entre os sexos. Foram elas que lutaram por creches, transportes, saúde etc. Elas participaram, e participam, dos mutirões para a construção da casa própria como mão-de-obra e como gerenciadoras dos processos. E a participação das mulheres nos movimentos populares, tanto urbanos como rurais, é um tema ainda pouco estudado. Certos aspectos da cultura popular - que estabelece "lugares e contribuições" para homens e mulheres - sempre estiveram presentes no interior dos movimentos populares. Fazer comida e cuidar das crianças eram "atribuições" das mulheres nos canteiros de mutirões” (Gohn, 1997, p. 293).

Com o avanço da participação nos movimentos, as mulheres perceberam a importância de se auto educarem e construir uma formação política.

“Combinadas com a autoconfiança adquirida por meio do ativismo social, tais práticas criaram formas de subjetividade que contrastam com a imagem, ainda propagada pelas instituições internacionais, da mulher camponesa – ancorada no passado, conhecedor apenas de práticas em vias de extinção. As mulheres camponesas na América do Sul estão longe de se preocupar apenas com seus direitos locais de cultivo e do bem-estar de suas famílias. Elas participam das assembleias onde as decisões são tomadas, desafiam o governo e a polícia, e se veem como as guardiãs da terra, pois são menos facilmente cooptadas do que os homens, os quais frequentemente são seduzidos pelos

salários prometidos pelos governos e pelas corporações transnacionais – salários que dão mais poderes a eles sobre as mulheres, alimentando a cultura machista que encoraja a violência contra elas” (Álvarez, 2014, p.57 apud Valio; Federici, 2020, p.6).

Movimentos sociais, inclusive os de esquerda, apesar de defenderem importantes agendas como a justiça social, a preservação ambiental, políticas públicas para cultura ainda expressam os valores da cultura dominante, principalmente no que diz respeito à lógica da dominação patriarcal.

“Sempre que um movimento de mulheres toma uma posição autônoma, a Esquerda se sente ameaçada. A Esquerda percebe que essa perspectiva tem implicações cujo alcance vai além da “questão das mulheres” e representa uma cisão com a sua política passada e presente, tanto no que diz respeito às mulheres quanto ao que se refere ao restante da classe trabalhadora. De fato, os hábitos sectários que a Esquerda tem demonstrado tradicionalmente em relação às lutas das mulheres são consequência de sua compreensão rasa do modo pelo qual o capitalismo constitui o seu domínio e da direção que a luta de classes deve tomar para quebrar esse domínio” (Federici, 2019, p. 62).

Ao mesmo tempo, por seu caráter democrático, os movimentos populares podem ser também importantes espaços de aprendizado. Para nós, a educação não se resume à educação escolar, realizada na escola propriamente dita. Segundo Gohn (2023), o aprendizado nos movimentos sociais ocorre de forma mais tradicional, em relação com instituições educativas, mas também de forma vivencial, através das ações promovidas pelos movimentos. Menciona ainda que os aprendizados podem ocorrer de forma individual ou coletiva.

“Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos – quando há negociações, diálogos ou confrontos. Uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes” (Gohn, 2011, p.333).

2. Métodos de pesquisa

Os métodos utilizados para a realização do presente artigo foram a revisão bibliográfica, as análises qualitativa e de conteúdo. O objetivo foi de identificar elementos que evidenciassem a prática da pedagogia feminista proposta por bell hooks, em conexão com o conceito de aprendizado em movimentos sociais de Maria Gohn, dentro dos discursos praticados na comunidade cultural, em 3 âmbitos: das mulheres integrantes do GTMC, homens e mulheres integrantes do grupo de WhatsApp do Fórum de Cultura SJC e dirigentes da FCCR.

Para a realização da análise qualitativa dos dados, foi utilizado o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977). Buscou-se falas que evidenciassem a presença das seguintes categorias de análise: **indícios de consciência feminista, indicativos de teoria e/ou práxis feministas e evidências de aprendizado a partir do coletivo**. Tais categorias contribuem para compreender se houve aprendizado a partir desse movimento social, como aponta Maria Gohn, e se é possível apontar a presença de uma pedagogia feminista, como defende bell hooks.

Os dados utilizados para a análise foram: a carta de denúncia criada pelo GTMC¹¹, um arquivo de mensagens trocadas em um grupo de comunicação do aplicativo de mensagem WhatsApp denominado Fórum de Cultura SJC¹² e o ofício de resposta da Fundação Cultural Cassiano Ricardo¹³ à carta de denúncia.

O ponto de partida para a análise do posicionamento dos integrantes do grupo Fórum de Cultura SJC foi um arquivo de backup de conversas do grupo de WhatsApp - inicialmente denominado "Pró Fórum de Cultura" - no período compreendido entre 18/12/2019 (data de criação do grupo) e 10/02/2023 (data de download do arquivo para a presente análise). Esse conteúdo gerou um arquivo de 1.012.487 palavras. Para a análise foram inicialmente selecionadas as mensagens, trocadas entre o dia 04/06/2020 (data de postagem da carta de denúncia no referido grupo) e 10/06/2020 (data da última manifestação sobre o assunto). Além da seleção do período foi realizada também uma seleção apenas das mensagens que se referiam ao tema da denúncia ou de conversas geradas a partir do comentário sobre a denúncia. Após essas seleções restaram 165 mensagens para análise.

3. Pedagogia como prática de liberdade para todas as pessoas.

3.1. Uma carta ao futuro

O primeiro documento analisado foi a carta de denúncia elaborada pelo GTMC, um documento que, além de cumprir sua principal função de **denunciar os casos de violência**, apresenta o próprio GTMC para a comunidade cultural e **propõe de forma pedagógica um caminho possível para a construção de uma comunidade livre de violências**.

¹¹ A referida carta de denúncia consta como anexo A ao presente artigo.

¹² Algumas mensagens selecionadas serão apresentadas no item de discussão.

¹³ O referido ofício consta como anexo B ao presente artigo.

No primeiro parágrafo o grupo se apresenta, reforçando a **consciência feminista** que perpassa a questão de classe (trabalhadoras da cultura) e reconhece a importância da promoção de um ambiente seguro para o fortalecimento das mulheres na cena artística e cultural da cidade.

Nos segundo e terceiro parágrafos, a carta traz os detalhes das denúncias em si – com o destaque para o fato de que os violentadores são homens e que as vítimas são mulheres, mas também homens – mostrando que a **violência patriarcal** denunciada é um problema que vitimiza muito mais, mas não exclusivamente as mulheres. A carta cita ainda os impactos sobre a saúde física, emocional e profissional que as vítimas tiveram em decorrência da violência, evidenciando assim o amplo espectro dos impactos das violências cometidas.

No quarto parágrafo da carta, as mulheres reforçam o papel e a responsabilidade da FCCR quanto à problemática denunciada. No quinto e sexto parágrafo, a carta informa sobre a **realidade estrutural de violência e opressão vivenciada pelas mulheres e convoca a instituição para que atue na efetiva transformação da cultura de violência**. Para encerrar, a carta reforça a convocação para ações por parte da instituição, **para que se torne aliada da causa feminista, contra a estrutura violenta reproduzida no campo cultural**, citando inclusive sugestões de formas de atuação para tal fim.

3.2. Aprendizado coletivo

Para a análise quantitativa do arquivo de mensagens do Fórum de Cultura SJC, inicialmente foi realizado um trabalho de identificação dos integrantes emissores das mensagens no período, a fim de que fosse possível a identificação do gênero de tais pessoas. A partir dessa informação foi possível realizar **as análises quantitativas (o quanto foi falado? quem falou? quanto falou?)**, conforme dados apresentados na tabela abaixo:

Tabela: Análise quantitativa das mensagens trocadas após divulgação da carta de denúncia no grupo de WhatsApp do Fórum de Cultura SJC

O quanto foi falado?	Número de mensagens enviadas após divulgação da carta de denúncia	Nº de mensagens enviadas por homens		Nº de mensagens enviadas por mulheres		Total
		Nº	%	Nº	%	
		31	19%	134	81%	165

Quem falou?	Número de pessoas que interagiram	Homens		Mulheres		Total
		14	38%	23	62%	
						37

O quanto falou?	Recorrência (número médio de mensagens enviadas por pessoa)	Média de mensagens enviadas por homens	Média de mensagens enviadas por mulheres	Total
		2,2	5,8	

Fonte: a autora.

Para a análise das mensagens trocadas no grupo do Fórum de Cultura SJC, após o compartilhamento da carta de denúncia, foram selecionadas mensagens que tinham mais de 250 caracteres para posterior classificação quanto a: **indícios de consciência feminista, indicativos de teoria e/ou práxis feministas e evidências de aprendizado a partir do coletivo.**

Para manter o sigilo das pessoas, foram suprimidos os nomes de todas as pessoas e serão utilizados apenas: o gênero do emissor e o número da mensagem que representa a sequência em que as mensagens foram enviadas.

De forma geral, grande parte das mensagens apresentou **indícios de consciência feminista**, ao trazerem reflexões, relatos de vivências, declarações de empatia com a posição de opressão das mulheres e críticas diretas ou indiretas ao sistema patriarcal. Homens e mulheres apoiaram a denúncia, mas além disso, contribuíram com seus conhecimentos e experiências, de forma a aprofundar a discussão:

Mensagem nº62 – Homem: “Olá, boa tarde. Muito importante esse debate. Acho que a discussão do *punitivismo* cabe muito se pensarmos na lógica do Estado que só pune um determinado setor da sociedade negro e marginalizado. Inclusive na lei maria da penha e na criminalização da LGBTfobia, por exemplo, só vemos essas pessoas sendo punidas. Não é do que se trata o caso aqui. Já as pessoas brancas com acesso a informação e acesso a advogados não são punidas. Por isso que precisamos lutar por justiça. Eu sou totalmente a favor de lutarmos por uma sociedade sem cárcere, mas sabemos quais são os passos necessários até lá e me pergunto o que fazemos no dia de hoje enquanto nossos sonhos não se tornaram realidade? Pq o discurso é muito bonito, mas estamos falando de vidas e de uma cultura perversa sustentada a partir desses casos "menores" ou "esporádicos". Não concordo com a frase "em briga de marido e mulher a gente não mete a colher". A gente mete a colher sim. A gente julga sim o agressor. E a gente distancia esse agressor da vítima. E a gente exige abrigo pra essa mulher, renda pra essa mulher, porque infelizmente vemos a continuidade de uma sociedade onde a mulher é escrava

sexual do marido dela. Não queremos pra outra ou pro outro aquilo que não queremos para nós.”

Na mensagem nº62, o homem que se expressou traz à tona, no início de sua fala, uma resposta a uma mensagem anterior (emitida por outro homem) que se posicionava criticamente ao debate em torno da denúncia, alegando que se tratava de uma narrativa “punitivista”. Respondendo à mensagem anterior, o participante explica que a acusação de “punitivismo” caberia em outro contexto de relação de poderes e que não seria esse o caso. Sem apontar uma única resposta para a questão, convida as pessoas do grupo para uma reflexão mais aprofundada, questionando a lógica patriarcal, incentivando a **práxis feminista**, apontando ações possíveis em casos de violência contra a mulher e convidando as pessoas para um olhar empático.

Ainda em resposta à questão do “punitivismo”, uma outra participante reforça a argumentação em defesa da denúncia e das manifestações de apoio, alegando a importância de transcender o sistema patriarcal na resposta às violências praticadas contra as mulheres. Ao mesmo tempo reforça a importância de medidas punitivas como promotoras de efeitos educativos sobre o abusador:

Mensagem nº60 – Mulher: “É fundamental que toda e qualquer violência contra a mulher seja combatida com ferramentas efetivas, muito além das oferecidas pelo sistema patriarcal. Não podemos aceitar a banalização desta violência que nos machuca e nos tira a potência! As medidas punitivas, embora não reparem e reintegrem a vítima ao status quo anterior, são a maneira mais efetiva de promover efeitos educativos sobre o abusador, uma vez que este, mesmo diante do vasto repertório antiviolência que existe, ainda assim opta pela violência.”

Na mensagem nº 132, o participante faz uma convocação aos demais homens do grupo, para que se coloquem ativamente na luta anti-sexista. Com diversos exemplos de práticas anti-machistas, o homem demonstra em sua mensagem como a **teoria e a práxis feminista** estão ao alcance de todos. Ele evidencia a importância de ações cotidianas comprometidas com uma efetiva mudança estrutural, desde as pequenas atitudes com mulheres desconhecidas num ponto de ônibus até a postura de respeito ao desejo da companheira quanto à questão da maternidade. O participante encerra sua mensagem colocando-se à disposição para apontamentos sobre o seu posicionamento, incentivando a cultura do diálogo para o aprendizado coletivo.

Mensagem nº 132 - Homem: Salve!!! Acabei não conseguindo ler todas as mensagens, nesse sentido quero opinar somente naquilo que me cabe. Minha crença é que sim, houve agressão e o agressor tem que ser punido, e na boa, passou da hora (estamos em 2020) de nós homens nos posicionarmos e

atuarmos ativamente com nossas Irmãs na derrubada do patriarcado. E isso passa por várias atitudes, como a escuta ativa por exemplo, sabe quando sua companheira (para os que tem relacionamento fixo) verbaliza que não quer ter mais filhos, então, E S C U T E A T I V A M E N T E, e não à engravide para sanar o seu "desejo sagrado de ser pai", tenha empatia, é difícil, mas a gente consegue. Para além das relações afetivas, desenvolva atitudes que não causem constrangimento as mulheres, tipo...sabe quando é tarde da noite e você vai pro ponto (isso pra quem pega busão) e quando chega no mesmo tem uma moça sozinha? Então, mantenha uma distância, se mantenha visível para não causar nenhum receio/constrangimento. Você, amigo profissional da Arte, repense sua equipe e não as chame somente para funções de segunda importância, coloque-as na cabeça das funções, aceite ser liderado por elas, te garanto que só temos a crescer, e juntas. Enfim, essas são algumas das milhares de atitudes que NÓS homens podemos ter com nossas parentes (linguajar dos povos originários) para que possamos juntas construir uma sociedade mais igualitária e justa para todes. E sendo (também) do Audiovisual, finalizo com uma indicação de filme, no caso um documentário, "O Invasor Americano" do Michael Moore, que não fala da causa Feminista em si, mas no final o diretor percebe que o protagonismo feminino é que vai fazer a mudança que tanto desejamos no mundo, pelo mesmo eu e o (*nome omitido para preservação de identidade*) encaramos assim. Enfim, é muito triste quando uma pessoa não reconhece seu erro, e pior, tenta minimizar com falas que não agregam, é por isso que repito, homens, botemos a mão na consciência e sejamos ativos na nossa desconstrução, é difícil? Pode até ser, mas pra quem tá disposto é mais fácil, isso eu garanto. Toda solidariedade a quem sofreu agressão e basta de qualquer tipo de violência contra as Mulheres. Grande abraço a todes. Salve!!!
PS: Estou aberto a apontamentos sobre meu posicionamento.

O destaque dado a mensagens de homens nesse trabalho está embasado na ideia de bell hooks sobre a importância de criarmos espaços onde seja possível que pessoas de todos os gêneros desaprendam o sexismo: “Indivíduos comprometidos com a revolução feminista precisam buscar formas pelas quais os homens possam desaprender o sexismo” (Hooks, 2019). Ainda sobre a questão da participação masculina na luta anti-sexista, hooks afirma: “Homens de todas as idades precisam de ambientes em que a resistência ao sexismo seja reafirmada e valorizada” (Hooks, 2021).

Na mensagem nº26, uma participante exemplifica a importância de se identificar com um grupo de mulheres para se manifestar. Ela explica o sistema patriarcal e convoca os homens a avaliarem a posição de privilégio que ocupam, ao mesmo tempo em que admite a posição de privilégio que também ocupa, em relação às mulheres negras. A partir de um grupo composto por pessoas que ocupam diversos lugares de poder e privilégio, a participante convoca aos demais participantes para um processo de reflexão e aprendizagem coletiva. Essa mensagem

demonstra o quanto os sistemas de opressão estão conectados e o quanto todos somos parte da construção de outras maneiras de nos relacionarmos:

Mensagem nº26 – Mulher: “Eu concordo contigo (*nome omitido para preservação de identidade*)! Geralmente não me manifesto aqui no fórum, mas como me colocaram novamente e faço parte do GT de Mulheres da Cultura (o que me é extremamente importante), me coloco do lado das mulheres. Acredito ser válida para mim que não fui a agredida essa carta, visto que o pedido de desculpas foi pessoal também, mas a mulher agredida não fui eu e só ela pode se manifestar nesse sentido, mas que fique claro para todos os HOMENS: Vocês estão em um sistema patriarcal machista e estão no lugar de privilégio, se for o homem branco, principalmente, assim como reconheço meu privilégio diante de uma mulher negra nesse mesmo sistema "nojento". Reconheço isso e começo a tomar atitudes para mudar minimamente isso (e o que consigo). Com isso, gostaria muito de ver, principalmente os homens que se dizem "feministas" atuarem de fato. Digo isso, porque amo meus amigos e o sistema é o culpado. Eu pergunto: COMO PESSOA NUM LUGAR PRIVILEGIADO O QUE FAÇO PARA UMA MUDANÇA DE FATO, FOCADA?”

Já na mensagem nº146, a participante reforça a importância de todas as pessoas – inclusive as mulheres – desaprenderem a lógica patriarcal que, embora favoreça os homens em detrimento das mulheres, está enraizada em todas as pessoas. Reforçando a importância de cultivarmos a consciência feminista, inclusive entre as mulheres, ela traz à tona novamente o questionamento e a reflexão sobre um ditado popular que por muito tempo tem sido repetido como forma de proteção da lógica da violência doméstica patriarcal: "em briga de marido e mulher não se mete a colher".

Mensagem nº 146 – Mulher: Lembrando que o machismo está em todos nós, inclusive nós mulheres, já que todos fomos e educados e muito bem "adestrados" pra seguir essas "regras" que o sistema patriarcal criou, inclusive resumidas nessa frase "em briga de marido e mulher não se mete a colher". A quem interessa essa frase a não ser pra quem agride e maltrata?

Na mensagem nº171, a mulher, que tem participado intensamente do debate contribui com uma reflexão que convida o grupo a considerar a questão da luta para o fim do patriarcado de forma ampla. Ela comenta sobre a incoerência de debater política cultural sem fazer o debate sobre o patriarcado. Conclui o raciocínio convidando as pessoas a analisarem os impactos da cultura de violência patriarcal no mundo e, principalmente no Brasil (que como comentado anteriormente, passava pelo governo genocida do presidente abertamente machista Jair Bolsonaro).

Mensagem nº 171 – Mulher: Bom dia a todes, acordei com esse pensamento e gostaria de compartilhar com vcs aqui, já que vejo muitas ações que são movidas. Não é possível querer fazer política hoje e falar inclusive de cultura sem analisar e querer mudar o sistema e abordar o patriarcado. Estão diretamente ligados. E não se posicionar diante disso não está sendo uma saída, estamos vendo o reflexo no mundo hoje, e principalmente no Brasil.

Por fim, destacam-se mensagens de 2 mulheres que alegam ter aprendido com o debate realizado a partir da denúncia:

Mensagem nº 102 – Mulher: Para mim toda reflexão é louvável para a construção de meu conhecimento. Eu li, ouvi e aprendi muito. Não desconsidero, nem banalizo as falas. Saio daqui aliviada porque consegui expressar meu pensamento. Eu me sentia sufocada pelo medo de falar e ser marcada como defensora do agressor. Não fugiu muito disso, mas o que importa é a minha consciência. Uma consciência que se fortaleceu através de uma luta interna. E, principalmente, pelo fato de meu aprendizado tem muito a ver com o ouvir. Carrego isso da minha ancestralidade indígena. Seguimos em frente. Na luta sempre.

Mensagem nº 160 – Mulher: Boa tarde a todas e todos. Devo dizer que fico também muito feliz de termos aqui gerado este debate, com pessoas se posicionando e criando formas de lidar com o machismo estrutural no qual vivemos. Penso que era essa a discussão que estava chamando na minha primeira argumentação. Podemos ver ideias sendo compartilhadas e posicionamentos sendo tomados no pensar no que fazer e nas mudanças que queremos provocar para que situações como essas sejam extintas das nossas vidas.

Além da evidência de aprendizado individual, essas mensagens também trazem a importância e a potência do relato pessoal, do compartilhamento de reflexões, dores, dúvidas de forma coletiva. “Se o testemunho pessoal, a experiência pessoal, é um terreno tão fértil para a produção de uma teoria feminista libertadora, é porque geralmente constitui a base da nossa teorização” Hooks (2017).

3.3. Impacto institucional

Para entender como a FCCR se posicionou diante da denúncia apresentada pelo GTMC, foi realizada uma análise do ofício de resposta da instituição à denúncia enviada, buscando evidências das categorias de análise já citadas anteriormente: **indícios de consciência feminista, indicativos de teoria e/ou práxis feministas e evidências de aprendizado a partir do coletivo.**

Em apenas 4 frases, a Fundação Cultural Cassiano Ricardo, através de seu Diretor Presidente Aldo Zonzini, afirma:

1. “Lamentar os fatos”: o que demonstra uma postura de afastamento, preocupação em se isentar da responsabilidade e falta de consciência feminista quanto ao seu nível de influência no cenário da violência de gênero no âmbito cultural.

2. “Repudiar qualquer agressão ao ser humano”: ao citar o “ser humano”, de forma abstrata a instituição evita propositalmente o reconhecimento da questão estrutural apontada pelo GTMC, da violência contra a mulher, de origem patriarcal.

3. “Não admitir qualquer violência dentro de suas instalações”: Reforçando a lógica patriarcal, de proteger aquilo que está dentro do seu domínio, a instituição alega não admitir violência dentro de suas instalações, quando a realidade é que a vida cultural da cidade está espalhada por todos os espaços. Mulheres artistas e trabalhadoras da cultura se deslocam por toda a cidade para realizar as ações definidas pela instituição, projetos da própria instituição acontecem nos mais diversos espaços, desde a rua, espaços independentes até o ambiente domiciliar das trabalhadoras. Outro ponto importante a considerar é que a instituição alega não admitir a violência, mas não menciona sequer um mecanismo de prevenção ou fiscalização.

A carta é encerrada de maneira cordial com “protestos de elevada estima e consideração”, mas sem abertura para de espaço para escuta do grupo; sem o oferecimento de recursos de apoio para as vítimas; e sem o comprometimento com a criação de mecanismos de conscientização e prevenção dos casos de violência contra a mulher no âmbito cultural.

4. Discussão

A análise quantitativa mostrou que, durante a discussão desencadeada a partir do compartilhamento da denúncia no grupo do Fórum de Cultura de São José dos Campos, as mulheres foram maioria nas manifestações (62% das pessoas que falaram). Embora não seja possível comparar o nível de participação entre homens e mulheres, por falta de dados sobre a quantidade total por gênero na época da troca de mensagens, é possível notar que a recorrência de mensagens foi maior nas mulheres (5,8 mensagens de mulheres x 2,2 de homens), ou seja, as mulheres que se manifestaram, o fizeram com maior frequência do que os homens. Considerando esses números é possível identificar a importância da participação das mulheres no processo de desenvolvimento de uma pedagogia feminista dentro de movimentos sociais de

gênero misto. A participação das mulheres, não apenas denunciando os casos de violência, mas interagindo com o grupo possibilitou o desenvolvimento de diálogos e o compartilhamento de informações importantes para o entendimento, reflexão e potenciais mudanças no grupo.

Na análise qualitativa das mensagens trocadas pelos integrantes do Fórum de Cultura SJC, ficou evidenciada a importância do GTMC enquanto espaço seguro para a criação de consciência política sobre as questões estruturais do sistema patriarcal. Através das diferentes ações realizadas pelo grupo – como grupos de estudos e leitura, grupo de acolhimento, mobilizações políticas e ações artísticas – o grupo gerou condições para que as mulheres adquirissem ou reforçassem sua capacidade de análise crítica, seu vocabulário e sua confiança para se posicionarem dentro e fora do próprio grupo.

Também ficou evidente a importância do alinhamento entre teoria (no entendimento e construção de narrativa das mulheres) e prática (a denúncia em si e demais ações de comunicação, organização e participação na sociedade) para a efetivação de uma pedagogia feminista. A importância da aliança entre homens e mulheres como atores e beneficiários da mudança cultural também foi exemplificada através de mensagens que demonstraram conhecimento e comprometimento com a causa feminista.

A análise das mensagens ainda demonstrou a importância do debate em torno dos casos de violência dentro do Fórum de Cultura, enquanto oportunidade de desenvolver no grupo uma dinâmica de comunidade de aprendizado, para além das pautas específicas do grupo. Ao criar laços de aprendizado, o movimento amplia sua capacidade de acolhimento e identificação entre os participantes e aumenta seu potencial de engajamento, principalmente por parte de grupos oprimidos.

Foi possível observar também que o conceito de “ativismo de denúncia” de Sara Ahmed pode ser aplicado no contexto cultural, pois, embora as dinâmicas de relações possam ser diferentes, os dispositivos de poder e opressão são os mesmos. A análise do ofício de resposta da FCCR a carta de denúncia demonstrou a lógica patriarcal em funcionamento na instituição que, apenas preocupou-se em se eximir de qualquer responsabilização, sem demonstrar preocupação com a seriedade da denúncia, sem assumir sua responsabilidade na reprodução da cultura machista e sem se comprometer com qualquer ação ou abertura de diálogo com o GTMC e a comunidade de mulheres. Foi possível perceber que a elaboração e envio da à FCCR surtiu pouco ou nenhum efeito na estrutura da instituição e aponta para a necessidade da ampliação do repertório de ações, a fim de buscar ações e mudanças efetivas por parte do poder público.

5. Considerações finais

A violência contra a mulher é um grave e antigo problema. Os dados sobre o feminicídio e diversos tipos de violência continuam crescendo, mesmo com diversas ações promovidas por governos, instituições e movimentos sociais. A cultura de dominação e violência está profundamente arraigada no sistema capitalista patriarcal de supremacia branca em que vivemos e afeta diversos grupos, como a classe trabalhadora, a comunidade LGBTQIAP+ e a população negra. O enfrentamento e a transformação dessa cultura são essenciais para a mudança no cenário da violência contra a mulher e todos os tipos de violência. O ativismo de denúncia pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica, pois, além do acolhimento da vítima, do reconhecimento da violência cometida e da possível punição ao agressor, ainda proporciona um espaço de reflexão e aprendizado coletivo.

Os grupos organizados por e para mulheres como o GTMC se constituem em espaços de resistência e desenvolvimento da pedagogia feminista engajada. Nesses espaços, mulheres tem a oportunidade de falar, se ouvir, estudar e propor ações que interferem diretamente na sociedade. Ao criar um espaço seguro para a troca e compartilhamento de questões em comum, os grupos desenvolvem consciência política e confiança para se colocarem de forma assertiva em espaços de gênero misto. Quanto mais investirem no desenvolvimento do pensamento crítico em relação às questões feministas e mais criarem oportunidades de ações práticas, mais fortalecimento entre as mulheres será promovido e maior será o nível de influência sobre a cultura da comunidade onde estão inseridas e sobre as políticas públicas. Ações como a denúncia de violência cometida no âmbito cultural da cidade de São José dos Campos, pelo GTMC são um exemplo de práxis feminista, com grande potencial de impacto pedagógico na comunidade.

Movimentos populares, embora reproduzam a cultura da opressão e violência patriarcal, são ambientes democráticos, onde iniciativas de pedagogia anti-sexista podem criar espaços para o *desaprendizado* da cultura da violência patriarcal. Movimentos sociais que estejam comprometidos com a real mudança do sistema capitalista patriarcal de supremacia branca precisam criar espaços seguros e oportunidade de escuta, debate e reflexão sobre questões estruturais, para além de suas pautas principais, a fim de promoverem o acolhimento da diversidade existente entre as pessoas participantes. Dessa forma, o próprio movimento se transforma em uma comunidade de aprendizado e se fortalece, gerando espaços acolhedores, respeitosos, que possibilitarão um maior engajamento para sua pauta – cultura, meio ambiente,

moradia etc. Ao mesmo tempo, cabe às instituições governamentais como a FCCR, ações concretas para criação de ambientes seguros e o desenvolvimento de políticas públicas que atuem na conscientização e prevenção dos casos de abuso e violência – institucional, de raça, de gênero etc.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUENO, Samira; LAGRECA, Amanda; SOBRAL, Isabela. **Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-contra-meninas-e-mulheres-no-1o-semester-de-2022/. Acesso em: 29 maio. 2023.

Capoeiristas denunciam mestres de um dos maiores grupos do País por crimes sexuais. **Carta Capital**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/capoeiristas-denunciam-mestres-de-um-dos-maiores-grupos-do-pais-por-crimes-sexuais/>. Acesso em: 24 maio. 2023.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

BUENO, Samira; LAGRECA, Amanda; SOBRAL, Isabela. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 4ª edição – 2023**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em: 15 maio. 2023.

GOHN, Maria da G. Movimentos sociais na contemporaneidade * 1 MARIA DA GLÓRIA GOHN A RELAÇÃO MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], p. 333–361, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 maio. 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 11, 2000. DOI: 10.5433/2176-6665.2000v5n1p11.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. [s.l.] : Perspectiva, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 16º ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

ROSSI, Marina. (2020). A misoginia do Governo Bolsonaro vai parar na Justiça. *El País*. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-12/a-misoginia-do-governo-bolsonaro-vai-parar-na-justica.html>

VALDÉS, Isabel. Sara Ahmed: “Existe la idea de que quejarse es una manera de evitar tu propia felicidad y la de otros”. Madrid, 2022. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2022-12-05/sara-ahmed-existe-la-idea-de-que-quejarse-es-una-manera-de-evitar-tu-propia-felicidad-y-la-de-otros.html>. Acesso em: 23 maio. 2023.

VALIO, Luciana Benetti Marques; FEDERICI, Silvia. In struggle to change the world: Women, reproduction, and resistance in Latin America. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 1–12, 2020. DOI: 10.1590/1806-9584-2020V28N270010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/MqrkMq7hHybFzZcgTwPbvqd/?lang=pt>. Acesso em: 18 maio. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World health statistics 2022: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240051157>. Acesso em: 29 maio. 2023.



São José dos Campos, 20 de maio de 2020.

Ilmo.Sr.

Aldo Zonzini Filho

DD. Presidente Fundação Cultural Cassiano Ricardo

Prezado Senhor,

O GT (Grupo de Trabalho) de Mulheres da Cultura de São José dos Campos foi criado em 2020 e reúne dezenas de mulheres que atuam em diversas linguagens artísticas. Nosso objetivo com a criação do grupo é debater e realizar ações contínuas para o fortalecimento do trabalho da mulher na arte e cultura da cidade, o que inclui a implementação de um ambiente seguro físico e emocional.

Vimos, por meio desta, alertar essa instituição sobre casos de abusos, agressões e/ou assédios com relação a pelo menos cinco mulheres, bem como a dois homens, que participaram de projetos do Fundo Municipal de Cultura (FMC) com o diretor e ator [REDACTED]. As mulheres envolvidas nos episódios ocorridos tiveram problemas de saúde física e emocional, além de se afastarem de suas atividades profissionais, incluindo o FMC.

Também nos foram relatadas agressões físicas e psicológicas perpetradas pelo ator [REDACTED] contra uma artista mulher, ações estas que foram encaminhadas à polícia e resultaram na feitura de um boletim de ocorrência e a solicitação de uma medida protetiva.

A Fundação Cultural Cassiano Ricardo foi criada em 1986 e tem em sua trajetória importantes ações culturais no âmbito municipal e nacional. Por meio

de seus projetos, contribui ativamente para o aprimoramento dos/as artistas da cidade, além de possibilitar ao munícipe acesso aos bens culturais, essenciais para o desenvolvimento e respeito humano. Portanto, acreditamos que também seja missão dessa Fundação prezar pela ética na relação com os agentes da área cultural e artística da cidade, bem como fiscalizar o emprego de verba pública em projetos cujo participante citado notória e recorrentemente perpetua assédios e abusos contra diversos participantes.

Sabido é que a maioria das mulheres que passa por situação de violência não se sente segura para registrar oficialmente as ações sofridas. Isso se dá por vários motivos, dentre eles podemos citar: medo de possíveis novas agressões, falta de confiança nas instituições públicas responsáveis, dependência afetiva e econômica de seu parceiro. Uma vez que a violência contra a mulher é um fenômeno naturalizado na nossa sociedade, também o é em nossas instituições.

Acreditamos que a Fundação Cultural Cassiano Ricardo seja um espaço seguro para a promoção de um mundo mais equitativo entre homens e mulheres, e que a instituição preze pela contínua desnaturalização de relações de violência, seja ela de gênero, sexo, religião ou etnia.

É imperioso combater a violência sistêmica e individual contra a mulher mediante a implementação de políticas amplas e efetivas, que aumentem o espaço de atuação feminino, que fomentem o trabalho de mulheres artistas e técnicas e a educação de todos acerca do machismo que permeia as relações, e principalmente que rechaçam e penalizem condutas violentas perpetradas contra a mulher dentro da classe artística.

Sendo assim, tomamos a iniciativa de alertar sobre estes relatos de casos de violência contra a mulher protagonizadas pelos artistas acima citados, esperando que a instituição se coloque ao lado das vítimas bem como tome as medidas fiscalizatórias cabíveis.

Sem mais, nos colocamos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

GT Mulheres da Cultura SJC
gtmulherespelaculturasjc@gmail.com



FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

São José dos Campos, 28 de maio de 2020
OF. 063-2020-P

Ilustríssimas Senhoras,

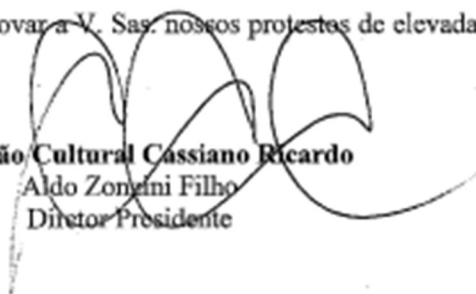
REF: Correspondência contendo denúncia.

Vimos, em atenção ao encaminhamento de V.Sas., lamentar os fatos narrados na correspondência em referência.

A Fundação Cultural Cassiano Ricardo repudia qualquer agressão física ou não ao ser Humano.

Esta Instituição, por seu turno, não admite qualquer tipo de violência dentro de suas instalações.

Aproveitamos o ensejo para renovar a V. Sas. nossos protestos de elevada estima e consideração.


Fundação Cultural Cassiano Ricardo
Aldo Zongini Filho
Diretor Presidente

Grupo de Trabalho de Mulheres
da Cultura de São José dos Campos